

seria a peça colocada na parede, para o que porêm não mostra dispositivo de suspensão, ou encostada; tem a altura máxima de 0<sup>m</sup>,242. Tem o n.º 5:518 de catálogo.

Em Portugal, como em toda a Europa Meridional (católica), e em França, principalmente no Franco-Condado, encontram-se, em desca-minhos largos, a proteger cousas e pessoas no descampado, pequeninas imagens de santos, que se aplicam em uma árvore ou em um marco, formando-se desta forma um santuário ao ar livre, junto do qual se de-põem oferendas. Aí aparecem *ex-votos*, sobretudo de madeira. Chamam os Italianos a êste santuário *Pietà*, e os Franceses *Dieu de Piété*<sup>1</sup>.

LUÍS CHAVES.

### Excursão arqueológica à Extremadura Transtagana

Por mais de uma vez os meus bons amigos Srs. Joaquim Cor-reia Bâtista, de Alcácer do Sal, e Dr. Manuel Mateus, de Grândola, me haviam convidado, aquele a voltar a Alcácer, e êste a ir fazer uma visita a Grândola, aonde eu nunca fôra.

Tendo-se malgrado alguns projectos de viagem, por causa das minhas muitas occupações, pude finalmente, em Dezembro de 1905, corresponder a tam penhorantes convites.

Parti de Lisboa em 26 para Alcácer do Sal, indo em minha compa-nhia Guilherme Gameiro, desenhador do Museu Etnológico<sup>2</sup>. Em 30 o Dr. Mateus veio esperar-nos àquela vila, e com êle seguimos para Grândola. Em 4 de Janeiro, como eu desejava muito ver S. Tiago de Cacem e Sines, continuei a viagem até lá com Gameiro, regressando ambos, outra vez por Grândola e Alcácer, a Lisboa em 11 de Janeiro.

Nestes 19 dias vi vários monumentos, fiz escavações, e adquiri muitos objectos. Vou aqui dar de tudo isto conta resumida<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *registos* da Senhora da Toca. Está a imagem no cavado de um tronco aí pela altura da inserção dos primeiros braços. O nome da Santa ficou assim por autonomasia. Vid. Bluteau, *Vocabulário Português*, s. v. «toca».

<sup>2</sup> Falecido já depois de começado a escrever êste artigo. Dos seus méritos artísticos, e serviços prestados no Museu, fez justa menção Saavedra Machado n-*O Arch.*, *Port.*, xix, 188-189.

<sup>3</sup> De Grândola fiz uma excursão ao concelho de Ferreira. Mas como êste concelho não fica na Extremadura Transtagana, e sim no Alentejo, ponho em apêndice ao cap. II a narração respectiva.—De algumas das minhas acquisições já falei n-*O Arch. Port.*, x, 379-380, e xi, 90.

Do itinerário indicado vê-se que denomino *Extremadura Transtagana* a parte do Alentejo que pertence ao distrito de Lisboa, a qual, além dos concelhos de Alcácer, Grândola e S. Tiago de Cacem (Sines é d'este último), compreende também os concelhos de Alcochete, Aldeia Galega, Almada, Barreiro, Moita, Seixal, Setúbal e Sezimbra. De facto, toda esta extensa região, física e etnograficamente considerada, é mais alentejana do que extremenha<sup>1</sup>; *Alentejo*, como o próprio nome o diz, é o território que fica *além* do *Tejo*, com exclusão do Algarve.

#### I.—Alcácer do Sal

Já tive ocasião de me referir n-*O Arch. Port.*, I, 65 sgs., e IV, 103 sgs., às antiguidades e ao Museu de Alcácer.

##### a) MUSEU MUNICIPAL:

Depois da minha última visita à vila, o Museu Municipal não deixou de progredir, mercê da dedicação dos Srs. Correia Bâtista, Secretário da Câmara, e P.<sup>o</sup> Francisco Galamba, que não perdem o ensejo de o aumentar<sup>2</sup>. A par com êstes illustres cavalheiros, que são propriamente os promotores directos de todos os progressos do Museu, há na vila, por honra da terra o digo, outras pessoas a quem êle merece atenção.

Actualmente o Museu consta de duas partes: uma, que compreende os objectos miúdos (moedas, loiça, etc.), instalada nos Paços do concelho; outra, que compreende os objectos volumosos (lápides, esculturas, etc.), instalada no extinto Convento de Santa Clara, que foi concedido para êste fim à Câmara de Alcácer por decreto de 4 de Junho de 1901, e que jaz na parte alta da vila.

\*

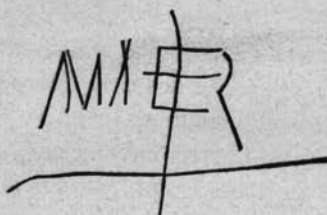
Entre os objectos que encontrei de novo, começo por indicar um *pondus* de barro, que vai desenhado na fig. 1; na extremidade su-

<sup>1</sup> Na distribuição dos objectos arqueológicos no Museu Etnológico adopto com relação à Extremadura a seguinte sub-divisão: *Extremadura Transtagana*, que abrange o que do lado de lá do Tejo pertence ao distrito de Lisboa e Santarem; e *Extremadura Cistagana*, que abranje o resto dos distritos de Lisboa e Santarem, e o distrito de Leiria. Assim, sem modificar as ideas correntes e a nomenclatura official, vai-se de acôrdo com a natureza das cousas.

<sup>2</sup> Também falecido depois que comecei a escrever o meu artigo. Galamba era natural de Aldeia Nova, concelho de Serpa, e viveu em Alcácer durante perto de quarenta anos. O seu passamento deu-se nesta vila em 11 de Fevereiro de 1913: contava 71 anos de idade. Vid. *Diário de Noticias* de 16 do mesmo mês. O cumprimento dos seus deveres eclesiásticos não o impedia de também cultivar a Arqueologia. O *Arch. Port.* deve-lhe um artigo, que saiu no vol. III, p. 266-271.

perior tem, com fôrma de monograma, as letras CAE, gravadas antes da cozedura do barro, o que se vê melhor na fig. 2, cópia de um decalque. Estas letras constituem certamente a inicial do nome do respectivo oleiro. No Museu Etnológico existem alguns *pondera* de barro, também com inscrições gravadas na extremidade superior.

O «opérculo» de barro arretino (*terra sigillata*), de que falei n-*O Arch. Port.*, I, 85, e IV, 107, é propriamente um prato, embora pudesse ter servido acidentalmente de tampa, pois consta que cobria uma urna do mesmo barro, na qual havia cinzas. A inscrição, que já publiquei n-*O Arch.*, e que é SEX || ANI, está na parte superior, ao centro. Na parte inferior lê-se o seguinte, que foi gravado na época romana, mas depois da cozedura e pintura do barro (*graffito*):



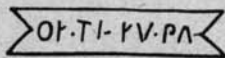
as primeiras letras serão acaso AMA; êste *graffito* não deve considerar-se obra do oleiro.

A urna a que aludi agora, e de que também já falei n-*O Arch. Port.*, I, 85, vai gravada na fig. 3, segundo uma fotografia.

\*

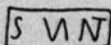
Eis aqui diversas marcas figulinas, pertencentes a cacos arretinos encontrados nas vizinhanças do castelo de Alcácer:

1)

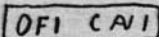
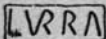


A primeira palavra é sem dúvida *officina*; a segunda é *Ti(berii)* ou o *praenomen* do dono da olaria; as restantes letras constituem as iniciais do *nomen* e *cognomen*.

2)



Esta inscrição já saiu n-*O Arch. Port.*, II, 144, mas um pouco incorrecta. A terceira letra não parece I, pois está inclinada e ligada ao V.

3) Isto é: *ofi(cina) Cani* (isto é, «de Canio»)¹.4) 

A 1.ª letra pode parecer L ou I, mas suponho que é L (não é T).

5) É apenas:



6) Dentro de um fundo de taça quebrada:



A última letra é S invertido. Deverá entender-se (*h*)ERM(es) EROS ou (*h*)ERM(etis) EROS, com o primeiro nome em genetivo. Tanto *Hermes* como *Eros* se encontram noutras inscrições peninsulares (vid. *Corpus*, no índice); *Eros* aparece também como nome de oleiro. A série de pontos que está entre as duas linhas é ornato.

Todas estas marcas figulinas estão inéditas, menos a 3.ª, que já havia sido publicada, mas com alguma incorrecção.

Inédita é também a seguinte marca figulina gravada profundamente na asa de uma grande vasilha de barro (não ânfora):



as letras são salientes, e nada falta na inscrição. Esta asa foi encontrada na herdade da Barrosinha, concelho de Alcácer, donde também provém o fragmento da asa a que me referi n-*O Arch. Port.*, IV, 109, com uma inscrição (M ▽ W).

A seguinte inscrição está inédita:

..... VS  
 ... ANVS

¹ A mesma marca figulina se lê em vasilhas encontradas em Hespanha. Ela é de origem galo-romana. Vid. M. Cazurro, *Terra sigillata*, 1909, pp. 61 e 47.

Nada falta à direita; há porém falhas à esquerda, em cima, e em baixo. Está gravada em uma tábula de mármore, de 0<sup>m</sup>,135 × 0<sup>m</sup>,13 × 0<sup>m</sup>,03.

Em dois pedaços de mármore, que se ajustam entre si, lê-se:

· · < ✕ APPVLE · · ·  
PRIAMVS · · ·

Dimensões dos fragmentos assim ajustados: 0<sup>m</sup>,20 × 0<sup>m</sup>,12 × 0<sup>m</sup>,05. Altura das letras: 0<sup>m</sup>,035. A primeira palavra será *Sea(tus)*; a segunda deve ser *Appule(ius)*; a terceira não apresenta dificuldade,— cf. já *O Arch. Port.*, II, 144.

Com a Epigrafia, embora não latina, se relaciona o curioso objecto de pedra que se figura com o n.º 4. É uma chapazinha amuletiforme, com um recorte na extremidade superior, onde tem um furo bicónico. Na extremidade inferior há uma fractura que atinge uma das faces maiores. Nesta face lê-se a seguinte inscrição, cujas letras são iguais a algumas das que se lêem nas inscrições turdetânicas do Alentejo e Algarve<sup>1</sup>: ✕✕✕✕, que supponho se pode transcrever, da direita para a esquerda, por *qsrd*. Pena foi que alguém fizesse recentemente uns riscos no reverso para imitar as letras ibéricas do anverso. A chapa appareceu no castelo de Alcácer e foi oferecida ao Sr. Correia Baptista. Comparável a esta chapa é uma de serpentina que se crê apparecida em Aljezur, e que hoje está no Museu Etnológico Português: aqui a reproduzo na fig. 5; sómente esta é anepígrafa<sup>2</sup>. A inscrição da chapa de Alcácer, apesar da fractura, vê-se que está completa. Ela constitue mais um documento de epigrafia indígena, paralelo às legendas das moedas salacienses, isto é, cunhadas na mesma região a que a inscrição pertence<sup>3</sup>.

\*

Direi algumas palavras acêrca das moedas que existem no Museu. Tenham-se presente as estampas I e II publicadas no vol. VI d-*O Arch. Port.*, entre pp. 88 e 89, pertencentes ao artigo intitulado «Les monnaies de la Lusitanie Portugaise».

N.º 3—Há um exemplar.

N.º 4—Há dois exemplares.

N.º 6—Há dois exemplares, mas de um já não se vê a legenda.

<sup>1</sup> Vid. Hübner, *Mon. ling. Iber.*, p. 192 sgs.; e cf. *O Arch. Port.*, III 185, e v 140.

<sup>2</sup> Vid.: *Religiões da Lusitânia*, I, 169; e Estácio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, est. x, n.º 9.

<sup>3</sup> A respeito das moedas salacienses vid. adiante.

N.º 7—Há dois exemplares em mau estado, pois de um só se vê o que se diz n-*O Arch. Port.*, I, 82; do outro só se vêem no anverso vestígios da cabeça, e no reverso as curvaturas dos peixes.

N.º 8—Há um exemplar; a meia-lua pode ter existido no começo da legenda, mas como a moeda está muito cerceada, não se pode saber isso ao certo.

N.º 9—Há três exemplares. No anverso de uma lê-se claramente ODACIS · A; no de outra é menos claro o A, só se lê bem o restante; o terceiro exemplar, pôsto que bilingue, está muito gasto.

N.º 12—Há um exemplar; mas na legenda IMP · SA.. já não se percebe o L final, por a moeda estar cerceada.

Há uma moeda nova (fig. 6):

Anv.—CANDM, letreiro lido de cima para baixo (está completo). Cabeça de Hércules voltada para a esquerda, com pele de leão (a maça já não se vê). Circuito granulado em tórno da legenda.

R.— $\square\Upsilon\Upsilon\Xi$  (da última letra, à esquerda, porque a legenda é retrógrada, só se percebe uma sombra; o m que aí devia existir, já não existe). Peixe voltado para a direita. Por baixo não se vê nenhum vestígio de letras, pôsto que haja espaço. Do circuito granulado parece distinguirem-se uns restos.

A chapa é de forma de cunha, mais grossa de um lado do que do outro.

Outra moeda nova (fig. 7):

Anv.—Cabeça de Júpiter coroada de louro, voltada para a esquerda e barbada. Tem legenda latina, de que só distingo letras avulsas: C.....SC.. (não é ODACIS, como noutras, porque o vestígio de letras é maior do que o espaço que essa legenda comportava, e porque o tipo desta difere do de ODACIS). Circuito granulado.

R.—Entre dois peixes voltados para a direita a legenda ibérica  $\square\Upsilon\Upsilon\Xi$ ; no princípio deve ter existido uma meia-lua. Circuito granulado.

O bôrdo é cortado ao viés.

No Museu há mais três exemplares de moedas em cujos anversos se vê a cabeça de Hércules, mas estão muito gastos, e é difícil dizer a qual dos números citados nas duas referidas estampas, I e II, d-*O Archeologo*, pertencem.

Há ainda outra moeda: talvez a do tipo do hipocampo (n.º 3 ou 5 do artigo d-*O Archeologo*), mas não o posso dizer ao certo, por estar muito apagada.

Sem pois contar a moeda latina, e a última, vê-se que no Museu de Alcácer existem 17 moedas indígenas de *Eviom*.

Este número é pois confirmação eloqüente da hipótese defendida n-*O Arch. Port.*, I, 83, de que a cidade em que estas moedas se lavraram era Salácia, e de que ficava nas margens do Sado, ou corresponda à moderna Alcácer, ou a outra localidade. Sem dúvida se encontram moedas de *Eviom* longe do Sado: assim a que se descreveu n-*O Arch. Port.*, II, 280, appareceu no Alentejo, para os lados de Elvas; e eu adquiri em 1905 três em Madrid, que talvez apparecessem em Hespanha. Mas isto não invalida o argumento, porque, na época a que pertencem as moedas chamadas ibéricas ou autónomas, estas corriam, embora talvez só em circunstâncias determinadas, por toda a Península: assim se encontram nas nossas estações arqueológicas muitas moedas que foram cunhadas na Hespanha; e eu trouxe de Madrid, com as citadas moedas de *Eviom*, uma de *Ebora*, que tambem certamente foi achada na Hespanha. O importante é encontrar-se junto do Sado um número relativamente avultado das moedas de que se trata, e isto explica-se bem, admitindo-se que era lá a fábrica de tais moedas.

Tambem se deve tomar em consideração que as legendas monetárias são retrógradas, como as lapidares que se tem achado no Alentejo e Algarve, isto é, na parte portuguesa da Turdetânia.

Com as moedas de *Eviom* e *Salácia* está outra moeda apparecida em Alcácer, que se representa na fig. 8:

Anv.—Cabeça encarapinhada e descoberta, voltada para a direita; pescoço bem distinto.

R.—Dois ramos, e entre elles umas letras que julgo sêrem MR isto é, a inicial de MVR(*tilis*): cfr. análoga legenda n-*O Arch. Port.*, VI, est. II, n.º 15, e III, n.º 16, do artigo já citado acima.

O cunho é singularmente bárbaro: a chapa muito irregular.

Em virtude do que deixo dito, este exemplar constitue variante das moedas conhecidas de *Myrtilis*.

\*

A lápide de Cornélio Boccho, a que me referi n-*O Arch. Port.*, I, 69 sgs., e que estava embutida na parede de uma casa em Alcácer, foi já transportada para o Museu (secção lapidar, no convento de Santa Clara). Tirei da inscrição um decalque de gesso, para o Museu Etnológico, onde já está. Aqui reproduzo a inscrição, segundo esse decalque:

...CHVS · PR · CAESARVM BIS  
 ... T · PERP · FLAMEN · PERP  
 ... II · PR · FABR · V · TR · MIL · DSPF

Não difere do texto publicado no cit. loc. d-*O Archeologo* senão em que no começo da linha 3.<sup>a</sup> se distingue mais um I antes do que já havia sido copiado, e que no começo da 2.<sup>a</sup> há vestígios de outra letra. Note-se que, como disse acima, a inscrição, quando primeiro a copiei, estava embutida numa parede, e que algumas das letras tiveram então de ser lidas com o auxílio do tacto <sup>1</sup>.

b) HERDADE DOS FRADES.

Esta herdade fica na frêguesia de S. Romão, concelho de Alcácer, e é banhada pelo rio Sado.

Aparecem por aí alguns alicerces antigos de casas, e grande quantidade de cerâmica, já inteira, já em fragmentos (vasos, tégulas, etc.), e outros objectos de carácter antigo.

O Museu alcacerense possui de lá os seguintes objectos romanos:

uma ânfora, já quasi sem gargalo nem asa;

várias tégulas inteiras;

dois vasilhos de barro (figs. 9 e 10);

uma bacia de bronze, de 0<sup>m</sup>,33 de diâmetro na bôca, de 0<sup>m</sup>,18 de altura e de 0<sup>m</sup>,23 de diâmetro no fundo (fig. 11);

duas enxadas de ferro (figs. 12 e 13);

e um *pondus* de barro com dois orificios (fig. 14).

Tambem de lá possui um *dolium* muito grande, de 3<sup>m</sup>,37 de diâmetro máximo no bojo, intacto, levemente ornamentado com traços circulares. Tem a particularidade de ter duas asas em cima. Como nunca vi nenhum *dolium* romano assim, apesar de ter visto muitos em Itália, lembro-me se este será cartaginês (vid. fig. 15). O Museu Etnológico tem um igual, offerta do Sr. José da Costa Passos, por intermédio do Sr. Joaquim Correia Bâtista. A título de comparação, notarei que conheço um muito semelhante no Museu de Madrid, onde é dado como romano, mas onde não se indica a procedência: tem de altura 0<sup>m</sup>,85 e de diâmetro na boca 0<sup>m</sup>,20.

c) HERDADES DO HOSPITAL E DE VAL DE CARVALHO:

Nestas herdades apareceram várias sepulturas que pertencem à civilização da época do bronze; serão descritas noutra lugar (na série

<sup>1</sup> Hübner completa a inscrição com bastante liberdade na *Ephemeris Epigraphica*, VIII, 256. Além d'isso lê na 3.<sup>a</sup> linha PR · FABRV, quando eu creio que é PR · FABR · V, embora o V esteja junto ao R, e o ponto no decalque não seja nítido. Que dúvida que o cargo de *pr(aefectus) fabr(um)* se exercesse *quinquies* «cinco vezes»? Não faltam exemplos de *bis, ter, quater, quinquies*. Quanto ao último, cf. Wilmans, *Exempla inscript. Latinar.*, t. I (1873), n.º 1606.



de artigos intitulada «Estudos sôbre a época do bronze em Portugal», que está sendo publicada no *Archeologo*.

## II. — Grândola

Fiz várias excursões e escavações no concelho de Grândola, em companhia do meu ilustre amigo Dr. Manuel Mateus, que, além de me acompanhar sempre, teve a amabilidade de me receber em sua casa.

Aqui publico o relatório do meu trabalho.

### a) CASTELO DO LOISAL:

31 de Dezembro de 1904.

O *castelo do Loisal* (fig. 16), é um morro insulado (A, na fig. 17-18), com atêrro artificial no cimo (toda a coroa me pareceu artificial). O povo, que vê aí obra da Mourama, fez córtes em várias partes, à procura de tesouros: nesses córtes se observam claramente os elementos constitutivos do atêrro: terra mexida e pedregulho. Há à superfície muitos cacos de aspecto romano: beiras de vasos, tijolos grossos, pedaços de bojos grandes; não encontrei nenhum caco de aspecto pre-romano.

Do lado do sul existe um fôssco que o separa dum planalto (B, fig. 17-18), onde aparecem dos mesmos cacos e onde se descortinam vestígios de paredes. Do lado do norte e oeste passa a ribeira do Loisal.

O morro, ou «castelo», como o povo lhe chama, não é muito alto; todavia do lado da ribeira tem grande declive, e tornava-se aí fácil a defesa, em caso de ataque. Um dos eixos ou diâmetros orça por 60 metros; o outro é muito maior. Por causa do acanhamento do espaço não podia servir de habitação permanente: julgo-o pois mero fortim. A povoação permanente seria o planalto do sul (B), que, como disse, é bastante extenso.

Acêrca do «castelo do Loisal» vid. já *O Arch. Port.*, I, 239 (artigo do Dr. Manuel Mateus).

### b) ANTAS DOS ARREDORES DE GRÂNDOLA:

Por indicação do Dr. Mateus vi nos arredores de Grândola duas antas que explorei em 2 de Janeiro de 1905.

#### *Anta 1.<sup>a</sup>*

Fica na herdade chamada de *Martins Parreira*, em meio de terrenos de cultura. Consta apenas de parte da mamôa e de alguns dos

esteios que formavam a câmara. Faltam outros, bem como a tampa e o corredor. Vid. a planta na fig. 19.

A...1<sup>m</sup>,74 de largura; 1<sup>m</sup>,81 de altura até o fundo da pedra; 0,27 *plus minus* de espessura.

B....0<sup>m</sup>,64 de largura.

Os esteios são sem aparelho e estavam acunhados; *a*, *b* e *c* representam os alicerces ou cunhas dos esteios que faltam.

Cavei até encontrar o chão natural: num sítio encontrei-o à profundidade de 0<sup>m</sup>,60; noutro encontrei-o a profundidade menor. A linha *a d* representa um dos diâmetros da câmara.

A exploração rendeu pouco, pois não apareceu mais que um machado de pedra muito delido (fig. 20) e umas esquirolas osseas: tudo isto a meia altura da câmara.

Na ocasião em que fiz a escavação, o interior da anta servia de horta: havia lá alhos, espinafres e coentros.

#### *Anta 2.<sup>a</sup>*

Fica em todo o cimo do sítio do *Outeiro do Ouro*, a uns 3 quilómetros e ao sul de Grândola, sobranceira à estrada de macadame que vai d'aquela vila a S. Tiago de Cacem. Do local goza-se dilatado horizonte, pois o *Outeiro do Ouro* é um dos mais altos d'ali.

Diz o povo que nesse outeiro está enterrado um tacho cheio de ouro, com as asas de fóra, e que, quanto mais se cava para o procurar, mais êle se enterra. Não entendo como é que, estando o tacho com as asas de fóra, se enterra cada vez mais, a não ser que elas sejam muito compridas: todavia nem sempre devemos esperar que haja lógica nas lendas populares, ou só devemos esperar que haja uma lógica especial. Sem dúvida o nome do outeiro relaciona-se com a lenda, ou esta lhe dêsse origem, ou vice-versa.

No momento da minha visita restava da anta parte da mamôa, oito esteios da câmara, e a tampa, esta porém caída dentro; dos esteios, um estava caído para fóra, outros no seu lugar, ainda acunhados. Não há muito que a tampa estava também ainda no seu lugar; pessoas com quem falei se lembram da a ter visto aí. Foram os sonhadores de tesouros que a derrubaram, uma noite, porque a noite é sempre propícia a feitos d'êstes, ou pelo mistério d'ela, ou porque com a sombra protege os ladrões. Consta que os tais sonhadores encontraram uns cacos. Eu por mim encontrei na terra por êles remexida, e amontoada fóra, quatro machados polidos e duas metades de outros (figs. 21 a 26).

A anta é pequena e pouco alta. Cavei até o chão natural, que

apareceu logo a 0<sup>m</sup>,2 de profundidade da actual superficie. Nada appareceu senão um seixo rolado.

Vid. a planta na fig. 27.

Esteio *B* (caído)...1<sup>m</sup>,48 (altura)  $\times$  0<sup>m</sup>,72 (*maximum*)  $\times$  0<sup>m</sup>,38.

Esteio *D*...1<sup>m</sup>,10 (altura)  $\times$  0<sup>m</sup>,81 (*maximum*)  $\times$  0<sup>m</sup>,21.

Tampa...2<sup>m</sup>,21  $\times$  1<sup>m</sup>,17 (*plus minus*)  $\times$  0<sup>m</sup>,47 (*plus minus*).

A exploração tornou-se difficil por causa do obstáculo que a ella oppunha a tampa, caída no chão, a qual foi preciso remover. O mato que crescia em volta oppôs também outro obstáculo.

#### e) «CASTELO» E «CASTELINHO» DE GRÂNDOLA:

Contiguo à vila há dois campos largos e planos, cortados por uma estrada que fica sobranceira à várzea do rio Davino, chamados, o da esquerda, para quem sai da vila, *Castelo*, e o da direita, *Castelinho*. O primeiro é, além disso, cortado por outra estrada.

Nestes dois campos, que occupam grande extensão, apparecem numerosos entulhos, constituídos por cacos, e também alguns restos de paredes e lanços de formigão (*opus Signinum*). Entre os cacos reconheci restos de vasilhas grossas, como de *dolia*, outros de vasilhas finas e de telhões; o Dr. Manuel Mateus tinha já reconhecido pedaços de *tegulae* e de asas grossas, e colhido no Castelinho um *pondus* de barro, que me ofereceu e está no Museu Etnológico (fig. 28).

Nos mesmos campos appareceram várias moedas de bronze, algumas das quais vieram para o Museu: de Augusto, de Alexandre Severo (séc. III), de Constantino (séc. IV) e uma de *Emerita*; e consta que appareceu uma de ouro, igualmente da época romana. De inscrições lapidares é que não tive noticia.

Estes campos, apesar do nome que o povo lhes deu, não podem considerar-se castros; são porém assento de uma antiga Grândola.

#### d) MINA DE COBRE DA SERRA DA CÂVEIRA:

Ergue-se a Serra da Cêveira a seis quilómetros de distancia, no rumo de sudeste, da vila de Grândola. Há aí importantes jazigos de cobre, começados a explorar em 1855, e a respeito dos quais se lê o seguinte no *Catálogo da secção de minas*, da Exposição Nacional de 1888, por Severiano Monteiro & J. A. Barata, Lisboa 1889, pp. 105-106:

«Os Romanos não deixaram intactos estes jazigos, o que é provado por uma quantidade innumerável de poços e por imensos es-coriais avaliados em 300:000 toneladas. . Na mina da Cêveira, além de numerosos poços, descobriram-se três galerias de esgôto dos labores romanos, tendo uma delas perto de 1 quilómetro de exten-

»são. Para encontrar as bôcas destas galerias foi necessário abrir extensos cortes na *toba* que se tinha formado, um dos quais apresenta um comprimento de 220 metros».

À prova do domínio romano nestas paragens dada pelos escoriais e galerias da mina deve juntar-se a dos objectos arqueológicos que aí aparecem com freqüência. O Museu Etnológico possui vários d'elles, uns oferecidos pelo Sr. C. Harris, por intermédio do Dr. Manuel Mateus, outros oferecidos directamente por este senhor; aqui os enumero:

1) uma fibula de bronze (fig. 29);

2) um *poculum* de barro, formado delicadamente de dois troncos de cone de desigual altura, unidos pelas bases maiores, o mais alto dos quais apresenta na superficie, na direcção das geratrizes, seis séries de mamilos agrupados três a três, e termina em cima por uma canelura, que delimita o bocal (fig. 30);

3) um *simpulum* de bronze, já descrito e figurado nas *Religiões*, III, 486-487;

4) um vaso de barro, um tanto grosseiro, espécie de panela ou *olla*, com duas asas (fig. 31);

5) dois tejos de forma de quarto de círculo, que serviam para, agrupados, formarem colunas cilíndricas (figs. 32 e 33); cf. *O Arch. Port.*, I, 315 (artigo de Maximiano Apolinário);

6) uma *lucerna* de barro, incompleta, pertencente ao séc. II ou III (fig. 34): falta quasi todo o bico (*myxa*, *rostrum* ou *nasus*) e metade da cauda ou *ansa*, que era furada; o bico ligava-se ao recipiente por meio de duas volutas, postas na base d'ele, as quais ainda se vêem na face ou *discus* superior da lucerna; o orificio desta face está bastante alargado, por quebradura; no reverso, ou fundo, não há mais que um sulco circular, que o toma todo; pelo corpo do objecto existem uns restos de tinta vermelha, vestígios da côr primitiva;

7) uma cabecinho de bronze, que vai desenhada na fig. 35, e deve ter feito parte de um ornato;

8) vários fragmentos cerâmicos (de lucerna e de vaso);

9) um *forceps* ou «tenaz de ferro», deteriorado.

Os objectos que tem os n.ºs 4 e 5 podem ter sido fabricados cá; os que tem os n.ºs 1, 2, 3, 6 e 7 são, como creio, importados.

\*

Quando num local apparecem vestígios do passado, revelados em edificações mais ou menos grandiosas, em explorações mineiras, em louças, etc., o povo, que anda sempre cobiçoso de dinheiro, e se

impressiona ou com a quantidade d'esses vestígios, ou com o seu aspecto estranho, vê em tudo anúncios de riquezas oculas e misteriosas, cuja posse attribue geralmente aos Mouros, e fórma às vezes, a tal respeito, uns como *roteiros poéticos*, que passam de bôca em bôca (tenho coligido muitos por todo o Portugal). Assim succede em Grândola, onde se diz que:

Entre a Cãveira<sup>1</sup> e os Canais<sup>2</sup>  
Deixaram os Mouros seus cabaedais.

#### e) HERDADE DE MARTINS PARREIRA:

Nesta herdade, onde há antas, como disse acima, apparecem também vestígios romanos: aí, por exemplo, appareceu um *pondus* de barro que o Sr. Jorge Nunes me ofereceu, e que vai desenhado na fig. 36.

\*

Além de objectos prehistóricos e romanos<sup>3</sup>, obtive alguns *boiões* antigos de botica (faiança) e objectos etnográficos modernos: aqueles oferecidos pelo Sr. Oliveira Mota, e estes pelo Sr. Jorge Nunes. Outros cavalheiros me obsequiaram com dádivas e informações ou acompanhando-me, tais como os Srs. Luís Alves Serrano, Pedro Batista, Domingos Simões de Almeida, Dr. Jacinto Nunes, Júlio Palmeirim e José Vaz Pereira.

A todos os meus agradecimentos.

### Apêndice ao capítulo II

#### Santa Margarida de Sado

O meu amigo Correia Bâtista havia despertado repetidamente a minha cobiça, falando-me de lápides romanas de Santa Margarida de Sado, pertencentes ao Sr. Visconde de Ferreira do Alentejo. Chegou a ocasião de as ir ver. Fui lá, de Grândola, uma manhã, com o Dr. Manuel Mateus e Guilherme Gameiro.

<sup>1</sup> Serra e mina.

<sup>2</sup> Duas herdades do concelho de Grândola: Canal de Cima e Canal de Baixo.

<sup>3</sup> Aos que mencionei supra, juntem-se: sete machados de pedra dos arredores de Grândola e da herdade de Cadouços, e um machado de bronze de Val de Guio (Melides).

Instalámo-nos num *carro alentejano*, que o Dr. Mateus aprontára e preparára (vid. a fig. 37, desenho de Gameiro), e seguimos, primeiro por estrada macadame até as Encruzilhadas, onde pouco antes apparecêra uma fibula romana que está no Museu Etnológico<sup>4</sup>, depois através de montados de sôbro ou azinho, e de charnecas, — herdades das Fontainhas, Várzea Redonda, Canal, S. Lourenço, Padrões, Val de Joana, Carvalhal —, até Várzea de Galegos, onde almoçámos buccolicamente sob uma azinheira. Apesar do extenso território que atravessámos, nenhuma povoação se nos deparou. Tudo deserto. Quando muito, branquejava de longe em longe um *monte*, ou casa de herdade, por entre a ramaria monótona. A Várzea de Galegos fica na margem da *ribeira de Sado*. Em frente, na outra margem, está Santa Margarida. Foi-nos pois preciso atravessar a ágoa, o que fizemos num barco de fundo chato, feição de taboleiro, dirigidos por um rude campónio que exercia as funções de «bateleiro», e o movia a remos, ou, como o povo lá diz, *a ramos*.

Numa cêrca próxima da povoação de Santa Margarida vi grande quantidade de tejos grossos rectangulares (*lateres*), e soube que tinha aí apparecido uma telha inteira (*imbrex*), que me deram. Junto da igreja, pela rua, há muitos pedaços de formigão (*opus Signinum*).

Na esquina da igreja está embutida uma tampa sepulcral, cupiforme, de mármore, semelhante a muitas que apparecem no Alentejo e Algarve; nela se lê uma inscrição, como consta do desenho ou fig. 38. O campo da inscrição mede 0<sup>m</sup>,32 × 0<sup>m</sup>,20. Na 3.<sup>a</sup> linha o M parece ter sido pôsto por engano, e foi substituído por outro na 4.<sup>a</sup> linha. A última letra da inscrição acha-se falhada. O texto é pois: *D(iis) M(anibus) s(acrum). Mumia Martiola, an(norum) 65, h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*. — Esta lápide veio depois para o Museu Etnológico, por dádiva do nobre Visconde a quem ha pouco me referi, e que além d'estes tem prestado à Archeologia nacional outros valiosos serviços.

Os degraus da igreja são constituídos por três mármores, o mais baixo dos quais é tambem uma sepultura cupiforme; todavia, se esta tem inscrição, está na face que assenta no chão, e por isso não se vê.

A soleira da porta do cemitério é de mármore, e dizem-me que formada por mais uma sepultura cupiforme.

Sólta na povoação havia outra pedra sepulcral, de fórma de base, mas com um buraco na superficie superior: na frente tem uma es-

---

Vid. *O Arch. Port.*, x, 320 (artigo do Dr. F. Alves Pereira).

pécie de nicho em que se gravou uma inscrição, hoje muito gasta, da qual pouco mais se apura que as fórmulas POSVI e S T T L, um número (idade), e letras avulsas; na face esquerda (do lado do observador) vê-se esculpida uma pátera circular, sem cabo. Altura da pedra 1<sup>m</sup>,06; largura em baixo 0<sup>m</sup>,68; campo da inscrição 0<sup>m</sup>,57 × 0<sup>m</sup>,41; altura das letras 0<sup>m</sup>,045. Esta lápide foi-me também oferecida para o Museu Etnológico pelo Sr. Visconde de Ferreira, e cá está hoje: n.º de entrada 5:013.

À porta da casa de Manuel Guerreiro vi uma base de mármore, que igualmente veio para o Museu: n.º de entrada 5:014.

Consta-me que ao sul do cemitério, próximo da povoação, se descobrem alicerces de casas antigas; não fui lá porém.

\*

Eis o que pude apurar da época romana. De época posterior, embora não moderna, vi uma pedra que tem gravado um sino saimão, ☆, e outra que tem gravada, ao que me parece, uma espada ou cruz de Sant'Iago.

### III.—S. Tiago de Cacem

Ao Sr. Augusto Ernesto Teixeira de Aragão, filho do falecido numismatico e arqueólogo Dr. Teixeira de Aragão<sup>1</sup>, devo a amabilidade de me apresentar a alguns cavalheiros da vila de S. Tiago de Cacem, tais como os Srs.: Dr. António Pereira de Carvalho, advogado; Dr. A. A. Félix da Cruz, médico; A. M. Freire de Andrade, farmacêutico; J. M. Durães, proprietário,—que me ajudaram nos meus estudos. O próprio Sr. Aragão me acompanhou também em várias excursões que realizei pelo concelho.—Dou, desde já, os meus agradecimentos a todos.

\*

Tendo de falar das antiguidades que vi em S. Tiago de Cacem, e seus arredores, devo, para seguir ordem cronológica, começar pelos tempos pré-históricos.

Da idade neolítica obtive quatro instrumentos de pedra, dois dos quais me foram oferecidos pelo farmacêutico Sr. Freire de An-

---

Cfr. *O Arch. Port.*, IX, 134.

drade.—Além d'estes ha no Museu Etnológico outros do mesmo concelho, que adquiri noutra ocasião.

Da idade do bronze trouxe uma foice, um escopro e um machado, apparecidos na herdade do Sobral da Várzea: estavam uns ao pé dos outros, sem pedra ou caco ao pé; constituíam uma espécie de tesouro. Com elles havia mais alguns, que o dono da herdade, o Sr. Joaquim Gamito, que me deu estes, já não possuía; mas tenho no Museu, junto d'elles, um segundo escopro (incompleto) e um segundo machado, que provirão do mesmo tesouro (não me recordo ao certo como os obtive, porque me perderam os rótulos, mas creio que m'os ofereceu um vizinho do Sr. Gamito).

Na idade lusitano-romana podemos inscrever o *Castelo Velho*, que fica próximo da vila, e aonde fui em companhia do Sr. D.<sup>or</sup> Pereira de Carvalho. O *Castelo Velho* é um monte fortificado, ou *oppidum*, em que se distinguem tres aterros, como se vê do esbôço ou fig. 39, feito de apontamentos de G. Gameiro e meus por Saavedra Machado, actual desenhador do Museu Etnológico. Designarei os tres aterros por *A*, *B* e *C*; elles eram amparados por muralhas exteriores, construídas de fiadas de pedras postas horizontalmente e cimentadas, muralhas de que só restam alguns lanços. Do lado de fóra do outeiro *A* existem num ponto vestígios de tres casas contíguas: uma das paredes era a própria muralha. No atêrro *B* tambem ha restos de muralha, e de casas encostadas a esta. O atêrro *C* é uma espécie de acrópole, sobranceira como está a tudo. Os aterros *B* e *C* não são concêntricos, mas tangentes. O atêrro *A* parece que vai envolver o morro em que está a capelinha de S. Brás. Nos espaços que ficam entre as tres muralhas encontra-se quantidade inaudita de tijolos, fragmentos de ímbrices e de tégulas, pedaços de *opus Signinum*. Aí appareceu um anelinho romano de ouro que o Sr. Augusto Ernesto Teixeira de Aragão me ofereceu, e que está no Museu com o n.º 4\*: êste anel tem figurado no centro um busto de mulher, aberto numa laminazinha de pedra e pintado; o busto está voltado para a esquerda, lembrando o penteado o de Lucila, espôsa de Lúcio Vero, falecida por 183<sup>1</sup>. Do mesmo *oppidum* são os seguintes objectos: 1) uma lâmina de mármore, que tem esculpida na face anterior uma palma estilizada, e fez parte de um ornato architectural (vai desenhado na fig. 40),—espessura 0<sup>m</sup>,02, comprimento máximo 0<sup>m</sup>,145, largura máxima 0<sup>m</sup>,12; 2) várias moedas de bronze do séc. III (*Julia Mamaea*, *Gordianus Pius*, *C. Claudius*).

<sup>1</sup> Vid. um desenho no *Reallexikon* de Forrer, p. 320.



As inscrições romanas publicadas no vol. II do *Corpus*, n.ºs 22, 23, e 25-29<sup>1</sup>, consta que também foram levadas do *Castelo-Velho*. — O tipo d'esta fortificação é o dos castros protohistóricos; não ha porém dúvida que ela recebeu grande influência romana, revelada nas muralhas, nas casas e nos achados. A área em que apparecem cacos antigos, vestígios de muralha e aterros é enorme. Muito importaria levantar uma planta do local, e proceder nele a escavações metódicas (o que eu por ventura farei um dia). Na Courela do Monte, ao pé do Castelo Velho, vi uma base de coluna.

Na parede do antigo hospital da vila, o qual hoje pertence à Sr.ª D. Camila Infante Maldonado Passanha, de Ferreira do Alentejo, ha uma pedra calcárea com uma inscrição consagrada a Esculápio: vid. *Corpus*, II, 21, e *Religiões*, III, 262-263. A inscrição oferece alguma dificuldade de leitura, que talvez pudesse resolver-se, se a pedra fôsse extraída da parede e colocada em posição de se examinar comodamente.

No sítio da Várzea dos Pereiros, dentro da herdade do Parral (frèguesia de Santa Cruz), appareceu por 1905, em escavações agrárias, o seguinte, da época romana: tijolos rectangulares grossos, e outros de fórma de quarto de círculo, dois vasos de barro, pregos

<sup>1</sup> Quatro d'estas lápides (n.ºs 22, 23, 28 e 29) estão num tanque à entrada da vila. É estranho que sejam todas do mesmo mármore azulado, ornadas com idêntico friso, e tenham dimensões iguais, — embora os caracteres paleográficos difiram entre si. Algumas tem erros: o n.º 28 tem PAGVSGF com F por E, e tem IVGI por LYCI, e OPIVML por OPTVME; o n.º 29 na segunda linha tem E por F. Aqui dou os textos que copiei; n.º 22) MARTI || SACR V V || IN || HONO || REM (sem ponto) G V PAG || MARINI V || PAG (sem ponto) MRAI || ANE FRATRI || PIENTISSIMAE ||, — dimensões 0<sup>m</sup>,89 × 0<sup>m</sup>,51, altura das letras 0<sup>m</sup>,052, campo da inscrição 0<sup>m</sup>,82 × 0<sup>m</sup>,44; n.º 23) VENERI (sem ponto) VICTRI || CI V AVG V SACR V || IN HONOREM V LV || CILIAE V LEPIDINAE V || FLAVIA (sem ponto) TITIA V FILIAE || PIENTISSIMAE V ||, — dimensões 0<sup>m</sup>,89 × 0<sup>m</sup>,51, altura das letras 0<sup>m</sup>,035, campo da inscrição 0<sup>m</sup>,325 × 0<sup>m</sup>,44; n.º 28) PAGVSGAF || L V F V FVNDV || NAE (sem ponto) G V PAGV || SIGVS (sem ponto) IVGI || ANVS V SORO || RI (sem ponto) OPIVML ||, — dimensões 0<sup>m</sup>,89 × 0<sup>m</sup>,51, altura das letras 0<sup>m</sup>,05, campo da inscrição 0<sup>m</sup>,36 × 0<sup>m</sup>,33; n.º 29) Q I SCRIBONO || L I E I QVIRI || PATERNO || L I SCRIBONIV || SATVRNINVS || PATER, — dimensões 0<sup>m</sup>,89 × 0<sup>m</sup>,51, altura das letras 0<sup>m</sup>,05, campo da inscrição 0<sup>m</sup>,34 × 0<sup>m</sup>,36. — Chego a suspeitar, e com muita razão, que estas inscrições serão cópias, e não originaes. As inscrições n.ºs 24, 25 e 26 já não as encontrei. A inscrição n.º 27 está num cipo de mármore de 0<sup>m</sup>,90 de altura, 0,51 de largura, e 0<sup>m</sup>,43 de espessura, hoje no Museu Etnológico por permissão da Ex.ª Câmara de S. Tiago; o texto diz: G (sem ponto) PAGVSGIO || VALERIANO || EX TESTAMEN (sem ponto, nem T, que nunca aí esteve, porque o friso é nitido) || SVO (sem ponto) SCRIBO || NIA (sem ponto) G (sem ponto) F (sem ponto) M XI || M (sem ponto) HERES (sem ponto) F (sem ponto) C ||. Estou igualmente muito suspeito de que é cópia.

de ferro, um «cantil» de barro, e um tinteiro ou *atramentarium* metálico. Êste último obtive-o num ferreiro em S. Tiago, e vai desenhado na fig. 41: foi certamente importado da Itália, pois é igual a um que comprei em Roma, e está também no Museu Etnológico (secção estrangeira: armário da Itália antiga); como estes vi outros na Itália, provenientes de Pompeios<sup>1</sup>. Os restantes objectos da Várzea dos Peireiros perderam-se. Consta-me que no mesmo local se descobriram restos de paredes, e sepulturas feitas de tijolos grossos, cobertas de lajes tóscas, sepulturas que continham ossos. Análogas sepulturas havia no sítio da Várzea do Outeirinho, e uma d'elas com um púcaro de barro à cabeceira. Fui a essa herdade, mas já não vi nem paredes nem sepulturas, e apenas vi pedaços de *opus Signinum* grosseiro, e uma mó chata de 0<sup>m</sup>,56, com orificio central; também vi, e trouxe para o Museu, um rebôlo achatado nos dois polos, que tem de circuito 0<sup>m</sup>,27 (seria projectil?), feito, ao que parece, de um calhau rolado, como se induz de uns restos de polido.

Na herdade do Saragaçal (palavra derivada de *saragaço* «saragaço», planta) appareceu em tempo, como me disseram, *um bicho de pedra com dez tetas*. Corri logo lá, e efectivamente encontrei os fragmentos de uma Esfinge, que publiquei no *Religiões*, III, 522-523. Com estes fragmentos havia-se encontrado metade de uma mó romana de mão.

Para terminar o que contava dizer de S. Tiago de Cacem, descreverei agora tres objectos romanos que o Sr. Augusto Ernesto Teixeira de Aragão também me ofereceu. São elles:

1) Uma lucerna de barro, desprovida de asa, com bico um tanto estreito, e uma figura (Vitória?) na parte superior do recipiente. Fig. 42. Deve ser do séc. I.

2) Outra lucerna com asa bastante desenvolvida e proeminente, bico largo, lisa no anverso, e com umas letras no fundo, que tem esta forma e disposição: V A (no intervalo havia mais uma letra, que desapareceu). Fig. 43. Posterior ao séc. I.

Estas duas lucernas eram pintadas, mas quem as encontrou, lavou-as de tal modo, que a pintura quási se sumiu.

<sup>1</sup> Chamo «tinteiro» ao objecto de S. Tiago de Cacem, e não «copo de dados de jogar», ou *fritillus*, porque embora se assemelhe externamente aos *fritilli* (cfr. *Greek and Roman Life*, Museu Britânico, 1908, p. 188), distingue-se d'elles internamente em não ter *gradus* ou arestas salientes (vid. desenhos no *Dictionnaire des Antiquités* de Daremberg & Saglio, II, 1341, s. v. «fritillus»), para os dados rolaem ao sairem.

3) Uma tijela de barro grosseiro, cuja forma é o protótipo das nossas «malgas». Fig. 44. Fôra igualmente muito lavada, o que motivou do mesmo modo o desaparecimento do *engobe* ou «capote».

#### IV. Sines

Levou-me a esta vila principalmente o desejo de verificar se ainda existiriam uns objectos arqueológicos que, tendo aparecido na Foz da Junqueira em 7 de Junho de 1591, foram transportados para Sines, e guardados lá religiosamente em uma caixa, arca ou cofre, num templo, por se supor que pertenciam à sepultura de S. Torpes. Como tratei do assunto nas *Religiões da Lusitania*, I, 21-23, dispenso-me de aqui repetir o que já escrevi; bastará notar o que fôr necessário para o seguimento das ideas, visto que, posteriormente à publicação do meu livro, encontrei factos novos que devo relacionar com os já conhecidos antes.

Em 1591 fez-se um inventário dos referidos objectos, como consta do *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Torpes*, por Estêvão de Lis Velho, Lisboa 1746, p. 166-168:

«Certifico eu Pedro Lopes, notario publico apostolico, .. e faço »fé que o que nesta caixa está, he o seguinte: a ossada que se tirou »da foz da Junqueira, termo desta villa de Sines; a terra que se »tirou dos ditos ossos ao tempo que se achárão; huma pomazinha »quebrada de barro, que se achou na dita sepultura; huma estampa »de pedra preta debuxada, que se achou na dita sepultura; .. está »mais nesta caixa hum casco de cabeça, que foy achado á porta da »sepultura, da banda de fóra; está mais huma pedra preta, que se »achou fóra no vestigio; na ossada assima estão trez dentes atados »na ponta de huma toalha .. por se acharem na sepultura».

Em 1695 abriu-se o cofre, e no termo da abertura diz-se: «ficão »neste lugar os ossos de S. Torpes, e mais cousas que estavam na »arca». *Obra cit.*, p. 169.

No tempo de Lis Velho só existiam «poucos e pequenos ossos, »a pomazinha de barro, a pedra preta debuxada, e o casco da cabeça »que se achou na porta do tumulo». *Ibid.*, p. 174.

Pelas investigações a que procedi, vim a saber que no sacrário da igreja da Misericórdia de Sines se guardava de facto um cofre com «reliquias», o qual estivera em tempo na posse de um padre, que à hora da morte recomendou que o colocassem no sacrário. Por permissão do Sr. Francisco António da Silva, provedor da

Misericórdia, o sacrário foi aberto diante de mim por um eclesiástico, e retirado de lá um cofrezinho de madeira, forrado de sêda (fig. 45), em que estavam os seguintes objectos:

- 1) uma calote craniana (osso frontal, e resto dos dois parietais);
- 2) esquirolas ósseas aglutinadas com terra (espécie de brecha óssea);
- 3) parte de uma vasilha grossa e tósca de barro (fig. 46), com fracturas antigas, — feita à mão, sem roda de oleiro;
- 4) um medalhão ou «placa» de lousa, ornamentada de um lado, e com um friso do outro (fig. 47)<sup>1</sup>.

Estes objectos concordam exactamente com os de que fala Lis Velho, e são pois os mesmos: só devemos entender que são objectos prehistóricos, e que nada tem com S. Torpes. Achamos aqui mais uma fábula, das muitas que enxameiam os Agiológicos, devidas à fé ignorante do vulgo: tomou-se por sepulcro de um mártir o que não passava de dólmen ou anta!

O crânio diz Lis Velho que estava fora da sepultura, onde se encontraram mais ossadas, e êsse attribue-o êle a Santa Celerina (p. 189 sgs.). As referidas ossadas, por estarem fóra do monumento, mostram que não haveria só uma anta, e pelo contrário haveria várias<sup>2</sup>.

Lis Velho reproduz no seu livro, p. 178, a «pedra debuxada», e ela combina com a fig. 47 do presente artigo: medalhão ou chapão oblongo, amuletifforme, como os que constantemente se descobrem nas antas do Sul de Portugal.

À descrição da «pomazinha» corresponde também optimamente o vaso da fig. 46, que tem além d'isso muita parecença, no seu todo, com um da estação prehistórica de Aljezur, que existe no Museu Etnológico, pavimento I, armário 1, e vem desenhado nas *Antiquidades monumentais do Algarve*, de Estácio da Veiga, I, est. F, entre p. 202 e 203.

Tornei a depor todos os objectos no cofre, que o eclesiástico, de que falei, fechou no sacrário. Seria talvez melhor tê-los trazido para

<sup>1</sup> Os desenhos que serviram para as gravuras 45, 46 e 47 foram feitos por Guilherme Gameiro.

<sup>2</sup> Dentro do sacrário da Misericórdia vi mais: um busto de mulher, de madeira, com restos de um crânio dentro, parte dos quais se descobrem através de um vidro pôsto na testa do busto; um braço de madeira pintado, com um osso comprido dentro, o qual se descobre tambem através de um vidro pôsto do lado da flexão. Diz a lenda que o crânio é de Santa Celerina, e o osso é de S. Torpes.

o Museu, porque d'ali, mais cedo ou mais tarde, não por causa do ingénuo sentimento que lá os fez depositar, mas por um sentimento oposto, embora filho da mesma ignorância, poderão vir um dia a ser violentamente arrebatados e dispersos: todavia, como não me seria fácil conseguir que m'os dessem, e além d'isso achei curioso que continuassem em Sines, pelo menos durante mais algum tempo, a servir de documentação efectiva ao livro de Lis Velho, nem sequer tentei adquiri-los, e contentei-me com cometer a indiscrição, bem justificada, de deixar dentro do cofre um meu cartão com a data da minha visita, e a explicação do que aquilo era.

\*

A visita a Sines, na qual me acompanhou o Sr. Aragão, fez que eu me relacionasse com algumas pessoas da terra, e tomasse nota de várias antigualhas, que em parte vieram para o Museu.

Na vinha da Pòveira, que fica a tres quilómetros de Sines, e onde estive com o Sr. Francisco Inácio da Costa Palma, dono d'ela, costumam aparecer machados de pedra, vasilhas, etc. O Sr. Palma ofereceu-me os seguintes objectos de lá:

a) Cinco machados de pedra, que vão desenhados nas figuras 48 a 52, reduzidas, — compridos, faces convexas, bordos e gume curvilíneos;

b) Um instrumento de pedra, achatado, de forma arredondada ou sub-quadrangular, com uma depressão em cada uma das faces para poder ser agarrado, fixando-se ali os dedos: de um lado tem um gume afiado, como de machado; do lado oposto está gasto, como tendo servido para afiar; nos outros dois lados tem vestígios de fricção: é pois um instrumento muito complexo, espécie de *faztudo*<sup>1</sup>, e creio que primitivamente foi mero machado, que depois se adaptou a vários usos, como acontece com muitos machados neolíticos. Fig. 53, tamanho natural.

c) Uma pedra elipsoidal, com um sulco que a abraça no sentido do plano equatorial: fig. 54, tamanho natural. Semelhantes a esta pedra prehistórica conhecem-se outras achadas no nosso país: umas que estão no Museu Etnológico, outras noutros museus. Cf. *Boletim da Figueira*, I, 95, e est. VII, fig. 61 (artigo de Belchior da Cruz. O sulco era evidentemente para que a pedra se fixasse por

---

<sup>1</sup> Cfr. *O Arch. Port.*, XIX, 178.

uma correia ou tira. A pedra, assim fixa, que serventia poderia ter? Martelo? não, porque não há nela vestígios de percussão. Pêso? parece-me isso pouco provável, porque o objecto seria luxuoso de mais, isto é, custoso de fabricar. Arma? é o que creio que era. O Sr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 127-128, apresenta já a hipótese de que as pedras d'este tipo serviriam de projecteis (como as *bolas* da América do Sul), mas talvez mais valha considerá-las armas de percussão, espécie de cabeças de maças ou clavas que se prenderiam a um cabo como os martelos de pedra da idade do bronze, que tem sulcos análogos: cfr. Razel, *Las razas humanas*, I, 408, e 517 (armas da Austrália). O Sr. O. Montelius, *La civilis. primit. en Italie*, parte 1.<sup>a</sup> (Estocolmo 1895), série B, est. 15, n.º 8, e est. 17, n.º 14, publica desenhos de objectos análogos; no texto chama porém «pesos» a estes.

d) A parte superior de um vaso de barro avermelhado e queimado, com gargalo baixo, e bojo, que lhe sobressai um pouco. Mede de diâmetro na boca 0<sup>m</sup>,11; no bojo 0<sup>m</sup>,18. Altura no estado actual: 0<sup>m</sup>,215. O bojo tem sulcos verticais, feitos com o dedo, e uns mais largos que os outros. Pasta grosseira, com grãos de quartzo de permeio, como a dos vasos neolíticos e da idade do bronze.—Num museu de Itália<sup>1</sup> vi um vaso de Cágliari (Sardenha), de rude pasta e também com sulcos digitais como este, mas provido de asa; appareceu na gruta de S. Bartolomeu, onde apparece muita cousa neolítica. Conheço outros vasos com caneluras, da idade do ferro; tanto a forma dos vasos, porém, como a das caneluras difere das do nosso.—O vaso de Sines é no seu género uma preciosidade, e poderá attribuir-se ao período calcolítico. Fig. 55.

e) Um vaso de barro vermelho, que vai desenhado na fig. 56 (reduzida), e dispensa pois descrição. Apareceu junto de uns alicerces. Suponho-o mais da época visigótica do que da romana, julgando da analogia d'ele com um que appareceu em S. Geraldo de Montemor-o-Novo, numa sepultura daquela época, e que está hoje também no Museu Etnológico (pav. II, arm. 50).

Consta-me que na mesma vinha appareceu, além do que fica dito, uma mó de tipo primitivo (pedra escavada). Não a vi.

Do que fica exposto, resulta saber-se que na vinha da Pòveira viveram, pelos séculos fora, gentes de variadas civilizações: desde a época da pedra até à visigótica, senão ininterruptamente (a Ar-

<sup>1</sup> Creio que foi no Museu Prehistórico de Roma.

queologia nada permite asseverar ao certo), ao menos com intervalos ou hiatos. No espólio que ellas nos deixaram, encontramos cousas que são comuns a outras regiões portuguezas, e por esse lado nada adianta o conhecimento que já tínhamos da história geral do país, embora a esclareça com relação a Sines: todavia ha cousas novas, como o vaso dos sulcos, e raras como o vaso visigótico e duas das pedras: por isso bem fez o Sr. Costa Palma em salvar os seus achados, e entregá-los ao Museu de Belém.

\*

Os monumentos de certa estabilidade, como os castelos e as igrejas, prestam não raramente auxilio à Arqueologia, por causa das lápides antigas que serviram para a sua construção. Em Atenas ha uma igreja cujas paredes podiam constituir um museu lapidar, tantas e tão variadas são as esculturas que fazem parte d'ela! O castelo de Sines não está nesse caso, mas havia nele dois mármores, um com uma escultura, e outro com uma inscrição, que algum valor possuíam: pelo que, com autorização do Ministério da Guerra, e informação benévola do Sr. Comandante Militar do castelo, as mandei extrair, e transportar para o Museu, onde agora se encontram.

O mármore epigráfico tem quatro faces, uma das quais, e só ella, está talhada de fôrma de ara, com cimallia, fuste e base. Isto não é caso único, pois a pedra, como outras da mesma fôrma, devia ficar encostada a um muro; tambem hoje fazem os marceneiros cousa semelhante com alguns móveis, para pouparem madeira. O que porém é notável é que a inscrição não figure nessa face, mas na oposta, onde se esculpiu um quadro de 0<sup>m</sup>,40 × 0<sup>m</sup>,43 para conter a inscrição, que diz: *D(iis) M(anibus) S(acrum). Iulia, C(ai) fil(ia), Marcella, an(norum) 30, h(ic) s(ita) e(st): (sit) t(ibi) t(erra) l(evis)*, ou em portuguez: «Aos deuses Manes. Júlia Marcela, filha de Caio Júlio Marcelo, de 30 anos de idade, está aqui sepultada: seja-te leve a terra». Êste texto não combina com o do *Corpus*, II, 30, que foi inexactamente copiado. Não se percebem traços horizontais nos AA, nem *hederae distinguentes*, o que será devido a estar gasta a pedra. Pelo mesmo motivo ha letras mal legíveis, o que denotei por pontos. — Em cima lavrou-se um *foculus* ou *patera*, cavidade circular, de 0<sup>m</sup>,105 a 0<sup>m</sup>,11 de diâmetro, e pouca profundidade. O resto da superfície superior onde está a cavidade é lisa. — Vê-se que a pedra teve duas serventias. Talvez do lado da ara houvesse uma inscrição pintada; de

D M S  
IVLIA C FIL  
MARCEILA  
A N X X X  
H S E S T T L

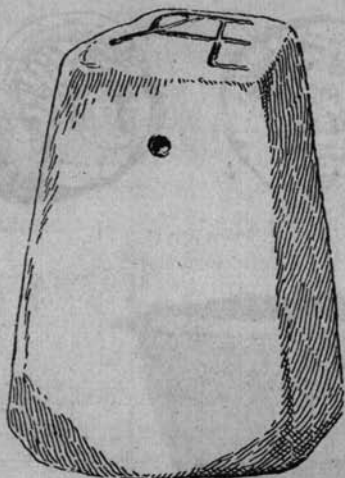


Fig. 1, p. 301

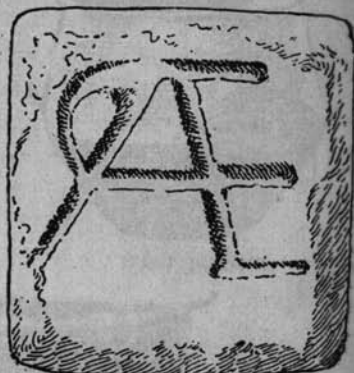


Fig. 2, p. 302



Fig. 3, p. 302

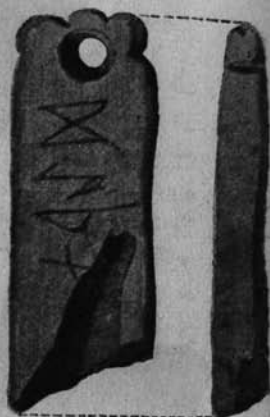


Fig. 4, p. 304



Fig. 5, p. 304



Fig. 6 p. 305

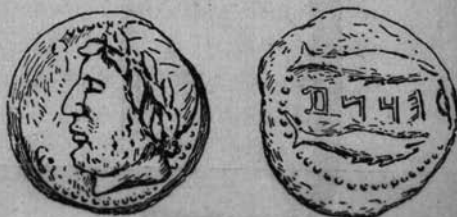


Fig. 7, p. 305





Fig. 8, p. 306



Fig. 9, p. 307



Fig. 11, p. 307



Fig. 12, p. 307



Fig. 13, p. 307

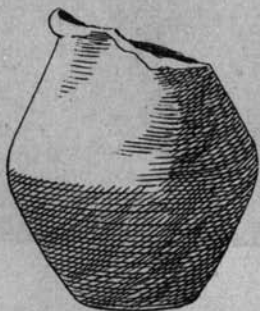


Fig. 10, p. 307

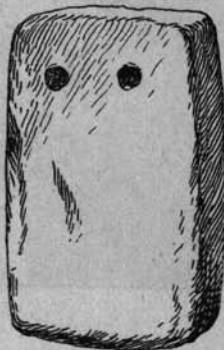


Fig. 14, p. 307



Fig. 15, p. 307

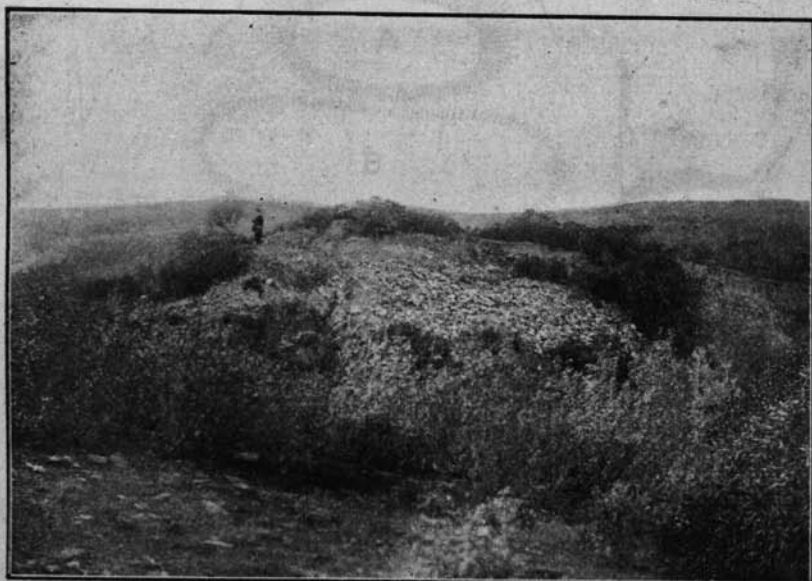


Fig. 16, p. 308

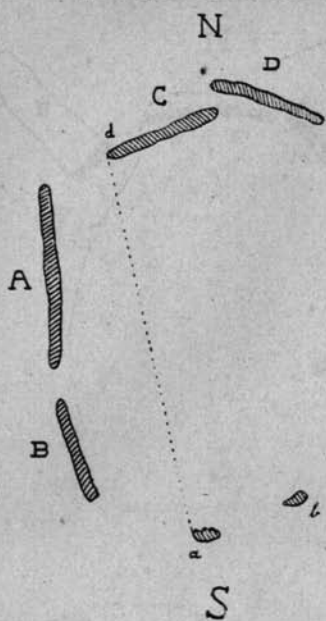


Fig. 19, p. 309

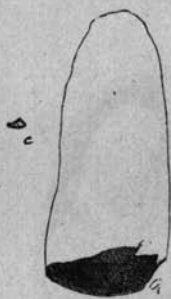


Fig. 22, p. 309

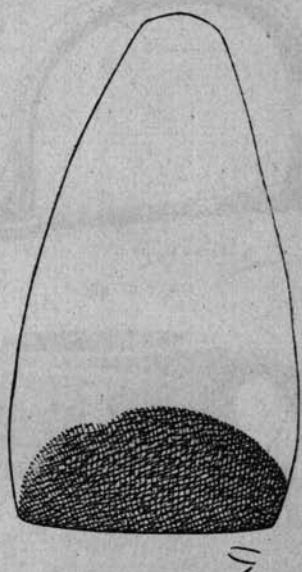


Fig. 21, p. 309

N



Fig. 20, p. 309

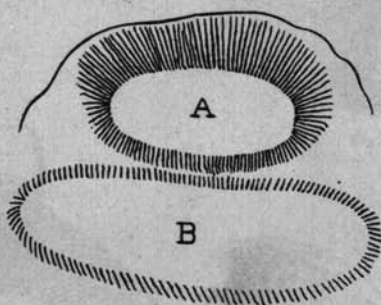


Fig. 17 e 18 p. 308



Fig. 26, p. 309

S



Fig. 23, p. 309

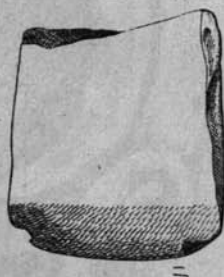


Fig. 25, p. 309

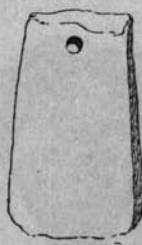
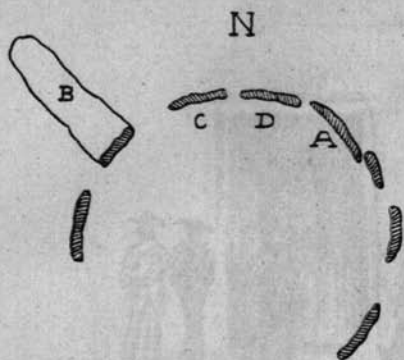


Fig. 28, p. 310



Fig. 24, p. 309



S  
Fig. 27, p. 310

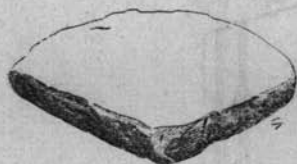


Fig. 33, p. 311

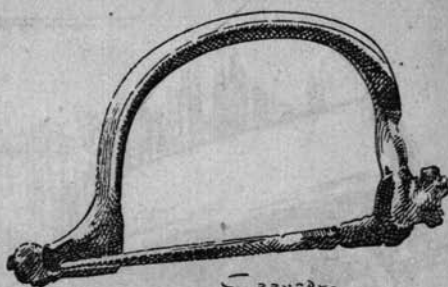


Fig. 29, p. 311



Fig. 31, p. 311

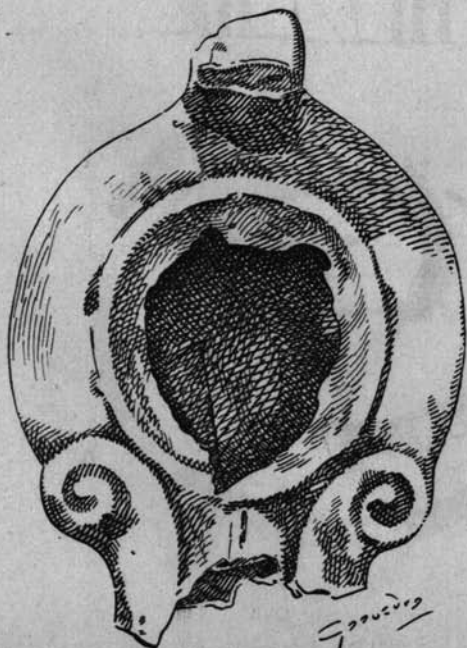


Fig. 34, p. 311



Fig. 32, p. 311



Fig. 30, p. 311



Fig. 35, p. 311



Fig. 36, p. 312



Fig. 37, p. 313



Fig. 38, p. 313

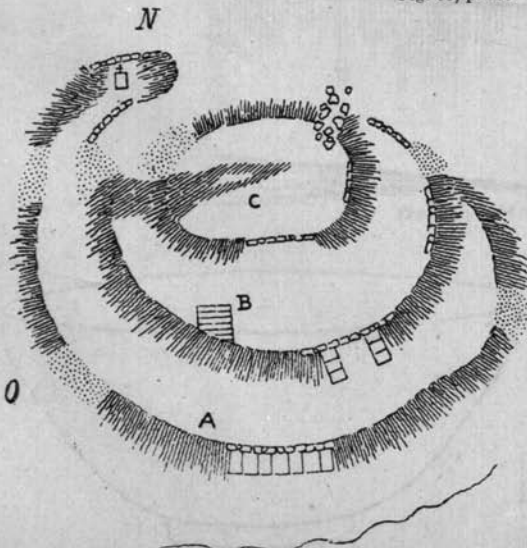


Fig. 39, p. 315



Fig. 40, p. 315

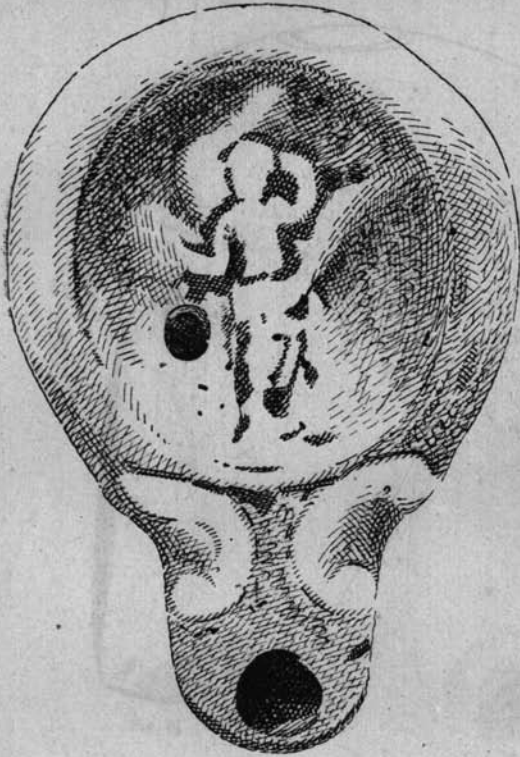


Fig. 42, p. 317

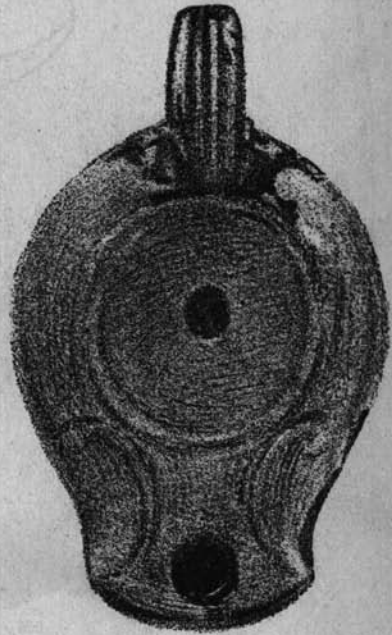


Fig. 43, p. 317

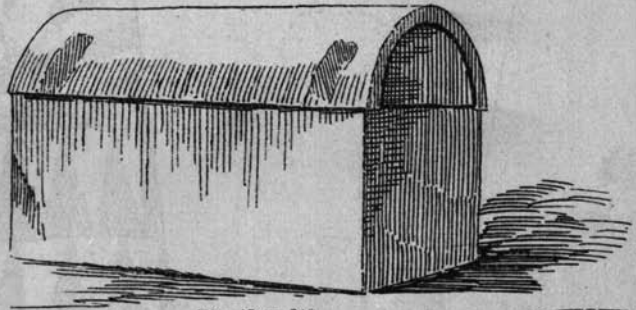


Fig. 45, p. 319

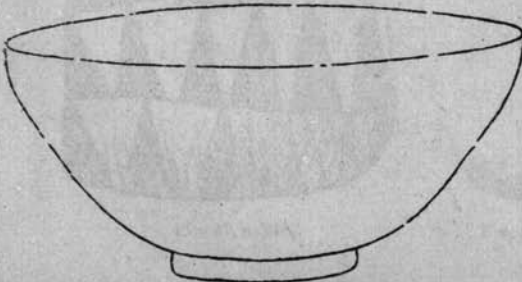


Fig. 44, p. 318

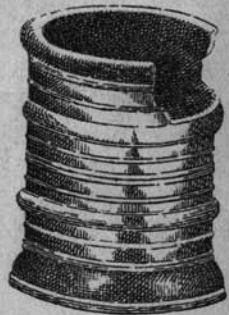


Fig. 41, p. 317

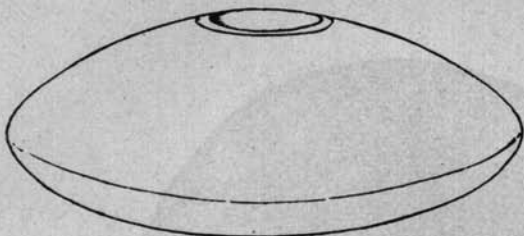


Fig. 46, p. 319



Fig. 51, p. 320

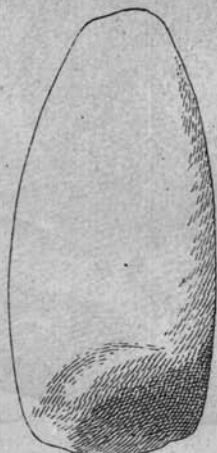


Fig. 52, p. 320



Fig. 50, p. 320

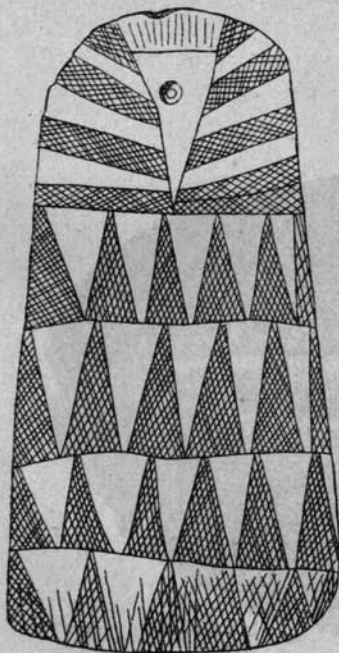


Fig. 47, p. 319



Fig. 49, p. 320

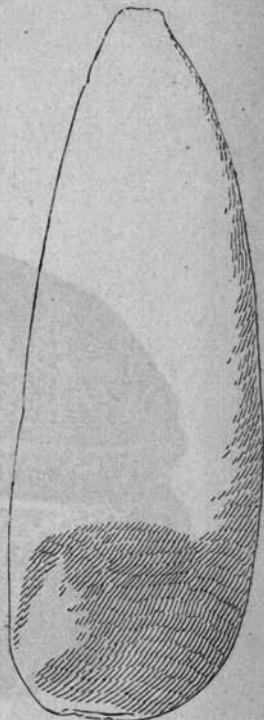
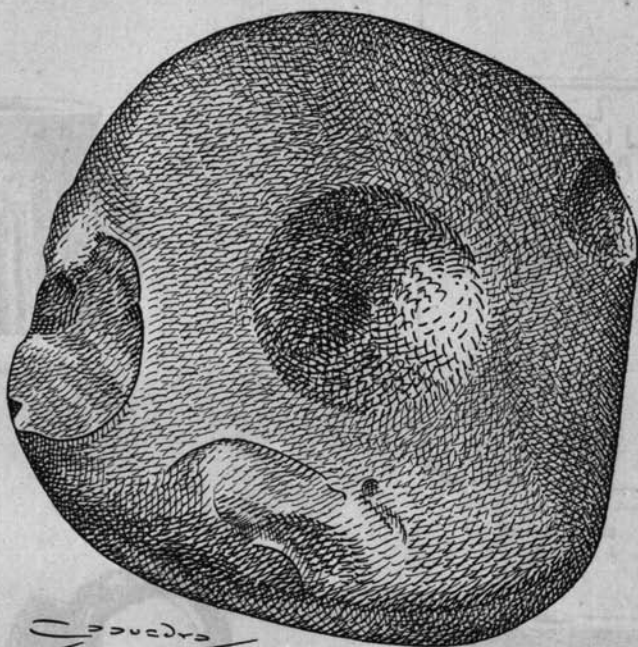


Fig. 48, p. 320



*Fig. 53*

Fig. 53, p. 320

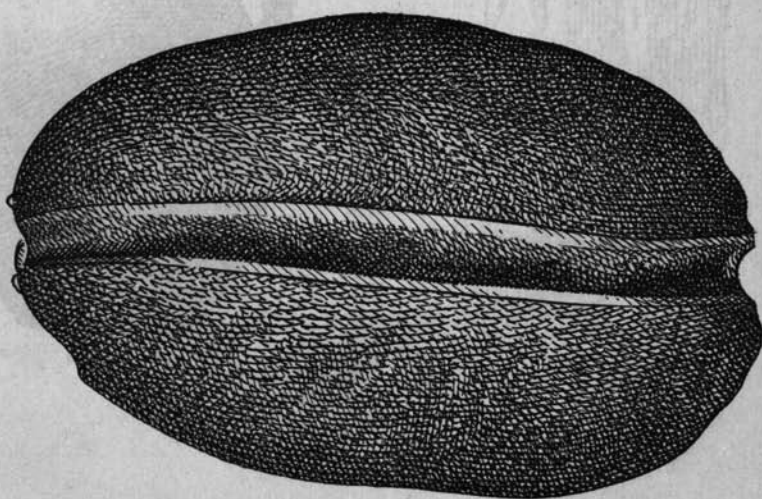


Fig. 54, p. 320



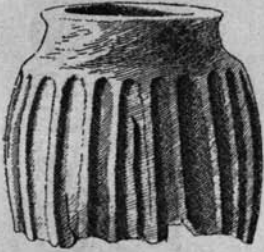


Fig. 55, p. 321



Fig. 57, p. 323

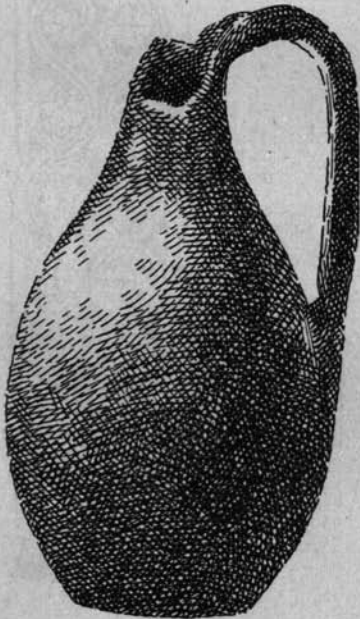


Fig. 56, p. 321

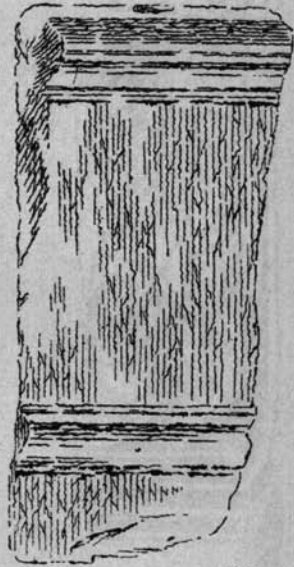


Fig. 58, p. 323

inscrição gravada não pôde falar-se.—Altura total da pedra 1<sup>m</sup>,25; largura 0<sup>m</sup>,465; espessura 0<sup>m</sup>,31. Figs. 57 e 58.

O segundo monumento é um monólito, também de quatro faces, de 2<sup>m</sup>,04 de altura, e de 0<sup>m</sup>,37 de largura máxima. Duas das faces estão lisas, e duas tem ornatos de baixo-relêvo. Uma das faces ornadas era maior primitivamente do que hoje, pois foi quebrada de alto a baixo; a outra está mais ou menos intacta. Os desenhos que acompanham o meu artigo (figs. 59 e 60) dispensam descrição dos relevos. Esta pedra parece que fazia parte de um cunhal, ou dos ornatos de uma porta ou janela: ficavam visíveis as duas faces ornamentadas, e embutidas na parede as restantes. Os ornatos assemelham-se aos de um túmulo de Ravenna, do séc. VIII-IX, figurados nas *Notizie degli scavi*, 1899, p. 5.

\*

Rematarei o meu artigo notando que de outras antigualhas romanas de Sines se sabe: André de Rêsende, *De antiquitatibus Lusitaniae*, Évora 1593, p. 222, fala de um cipo que tinha uma inscrição incompleta (*Corpus*, II, 31)<sup>1</sup>,—ele porém perdeu-se, pelo menos não o achei; perto da praia apareceu uma moeda de Emérita, que o Sr. Carlos Soares me deu, e que está no Museu Etnológico; na vila vi um pedaço de tégula, e num quintal do Sr. Costa Palma dois capitéis de mármore, —que espero da generosidade do possuidor virão ainda um dia para o Museu fazer companhia aos objectos da Pòveira<sup>2</sup>.

---

Foram meus colaboradores artísticos neste trabalho Guilherme Gameiro e Saavedra Machado, que, com excepção dos n.ºs 3, 11, 12, 13, 15 e 16, que assentam em fotografias, fizeram os desenhos que serviram para as gravuras: o primeiro a respeito das do cap. I, e das que tem os n.ºs 30, 31, 37, 44 a 47 e 54; o segundo a respeito de todas as outras.

J. L. DE V.

---

<sup>1</sup> A inscrição que o mesmo arqueólogo menciona a p. 223, de *Fulvius Quintianus e Rubra Sergilla Merobrigensis*, é com razão dada por Mommsen e Hübnér como falsa no *Corpus*, II, 4\*. Esta falsificação cometeu-a Rêsende, certamente pelo desejo de honrar a região com o nome de *Merobriga*.

<sup>2</sup> A fatalidade fez que o Sr. Costa Palma falecesse antes da publicação d'este artigo. A seu genro e representante, o Sr. Gonçalo Fernando dos Santos Soares, exprimo porém o mesmo desejo, com a convicção de que o atenderá.